

PIB DO 1º TRIMESTRE E O TRIPÉ DO CAOS

Economista Eduardo Bassin, sócio fundador da Bassin Consultoria

29/05/2020

A soma de tudo o que foi produzido no Brasil nos meses de janeiro, fevereiro e março de 2020 diminuiu 1,5%. Como o resultado do PIB do primeiro trimestre não reflete, na totalidade, a brusca queda da atividade econômica ocorrida em decorrência da quarentena imposta pela pandemia do Coronavírus, que começou a vigorar na segunda quinzena de março, piores resultados referentes ao 2º trimestre são inevitáveis.

Pelo lado da oferta, o PIB da indústria recuou 1,4% na comparação com os três meses anteriores (outubro, novembro e dezembro de 2019). O setor de serviços, que representa o maior peso do PIB, mostrou recuo de 1,6%. A agropecuária avançou 0,6%.

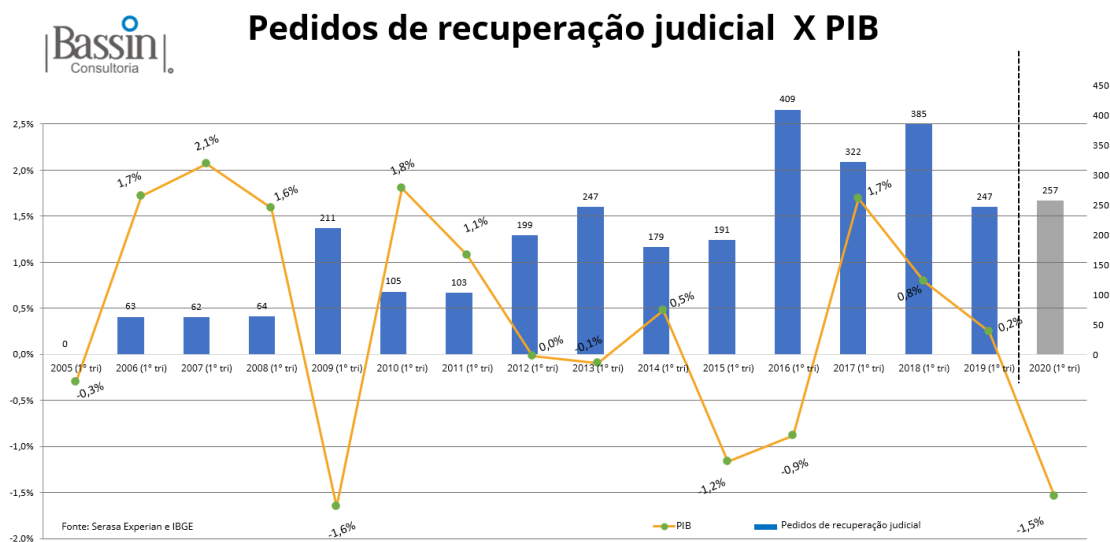
Sob a ótica da demanda, o consumo das famílias recuou 2%, o que é especialmente preocupante quando consideramos que o consumo é o principal componente da economia pelo lado da demanda, representando cerca de dois terços do PIB. O consumo do governo subiu 0,2%, enquanto a FBCF (Formação Bruta de Capital Fixo), que é a medida de investimentos em máquinas e equipamentos surpreendeu ao avançar 3,1%. Ainda pelo lado da demanda, as exportações apresentaram queda de 0,9% enquanto as importações avançaram 2,8%.

O Brasil atravessa uma grave crise e é necessário desmontar o “tripé do caos” (ambiente político conturbado, grave crise sanitária e crise econômica) o quanto antes, sob o risco de entrarmos em uma depressão econômica.

As famílias não retomarão o consumo tão cedo. Dados da PNAD contínua, divulgados ontem pelo IBGE, mostram que o Brasil perdeu 4.9 milhões de ocupações entre fevereiro e abril. Análises divulgadas pelo Bradesco indicam

queda de 6,4% na massa salarial no 2º trimestre de 2020. Além desses dois pontos, o endividamento é elevado e o volume de reservas financeiras das famílias vem se evaporando. Todo esse quadro afeta a confiança e abala as expectativas, o que impacta diretamente o nível de consumo.

As empresas, no conjunto, não investirão. O Nível de Utilização de Capacidade Instalada (NUCI) da indústria brasileira, medido pela FGV, alcançou o percentual de 57,5% em abril, o menor valor da série histórica iniciada em janeiro de 2001. No 1º trimestre houve 257 pedidos de recuperação judicial. Considerando que o número de pedidos está girando na casa de 150 por semana, podemos bater o recorde de 2016, quando houve 1863 pedidos. Cabe observar que o instrumento de recuperação judicial é utilizado apenas pelas médias e grandes empresas. Quando adicionamos as pequenas empresas ao cenário, fica claro que os investimentos não virão da iniciativa privada, pelo menos no médio prazo.



A retomada da atividade econômica virá com a adoção de medidas que diminuam a insegurança dos agentes econômicos e que melhorem suas expectativas, o que não é nada fácil. O governo deveria dar o primeiro passo o quanto antes.